

## NA “SINFONIA DAS HORAS”.

### *Entre Natália Constâncio e Dinis & Isabel*

Annabela Rita

UL-FL-CLEPUL

Está um dia quente. Dom Alfonso X, o *Sábio* de Leão e Castela, chamava peregrinos aos que iam à Terra Santa, não aos que vinham a Roma. Sou, portanto, romeira, não peregrina. No dia de ontem percorri os sacrossantos lugares onde repousam os corpos de São Pedro e São Paulo. Neste preciso momento, caminho pelos locais onde se junta a grandeza do passado e as ruínas que a evocam. O coração ainda pulsante da Roma imperial. Vejo e sinto a aura que abarca este espaço. Observada de longe, a cidade, aérea, de cor branco-pérola, é tocada pelos raios de sol, numa luminosidade avassaladora, que mostra como tudo é efémero. Tudo passa... Tudo passa...

Assim começa o romance. Com uma deambulação de “romeira” que escreve na primeira pessoa pelos mais simbólicos cenários da História Europeia. *Eu*, em Roma, 1674. “[T] tocada pelos raios de sol, numa luminosidade avassaladora, que mostra como tudo é efémero.”

E tudo termina no ocaso do dia, da vida, do sol, do par amoroso:

“Ondeante, o rio espraia-se languidamente, saudando a noite que declina e polvilha as águas com uma carícia suave, humedecendo a fímbria da longa capa que traja, ornada de lusco-fusco.”

Pelo meio, a investigação e a escrita de uma narradora feminina que busca, quase detectivescamente, em arquivos, chegando a dissimular-se sob hábito fradesco. Através dela, a luz de abertura infiltra-se nesse outrora que a palavra instaura presente e as figuras emergem das sombras, vibrantes: “as formas e as suas representações” em metamorfose, num tempo escoando, às vezes, lentamente, outras, com (sobres) saltos de anos e de factos, numa “sinfonia das horas, que toca ininterruptamente”.

Por fim, *este Romance de Dom Dinis, El-Rey que (nom) fez tudo quanto quis*. Sob o signo da cronística, em que a História e a ficção histórica bebem, mas também respondendo à canção infantil *D. Dinis (O Rei Que Fez Tudo O Que Quis)*, de Maria de Vasconcelos, numa trajectória *desviante* de cada uma delas, numa curva pontualmente tangencial, em *fuga*, como na música.

No verbo fascinado desse *eu*, sopra o desejo do *além* do visível, do (con)sabido. Não é o imponderável e indefinido lugar do *Anjo da História* (Walter Benjamin), nem o *espírito* dela (*António Cândido Franco*), mas o lugar de uma figura de narradora anelante dessa *medieval e régia versão* da história de Eros e Psique protagonizada por Dinis e Isabel e perspectivada por si, “romeira” como o fora Isabel e, por fim, “corcunda” como o de Notre-Dame (Victor Hugo). O ponto focal é deslizante: começando e terminando com a romeira o ciclo narrativo, mas percorrendo um itinerário de *passos* da vida dessa dupla régia e amorosa, de Dinis a Isabel, de Dezembro de 1324, até 7 de Janeiro de 1325.

Viajando na ficção até ao “indiscernível”, a palavra *deixa de ver o que se via e passa a fazer ver o que não se via*. Mais rigorosamente: *faz ler*. Na icónica e identitária Torre do Tombo. Fólios sem cota, não ‘tombados’ lá, mas *aqui* para memória futura, outra, não a oficial, mas a que nos fraterniza no encerramento do romance.

O primeiro fólio, *furtado* segundo a *Arte* de controversa atribuição (Manuel da Costa, António Vieira, etc.), é a *Compilação de totaldas cantigas de amor & amigo que a Raynha Dona Isabel compôs & que el-Rey Dom Dinis musicou*: Dinis/Eros e Isabel/Psique no diálogo das artes, amorosamente. Retratos diferentes, modulados a poesia e música nas origens trovadorescas da nossa literatura, aproximados pela vida e pelas *afinidades electivas* (Goethe).

Um outro, oferecido pelo bibliotecário, é “agora, um livro sem préstimo, pois que lhe arrancaram as páginas ornadas a ouro e as iluminuras”, que a nossa detective-romeira abre no último capítulo: “De Como Um Anjo Do Senhor Levou Consigo A Alma D’el-Rey Dom Dinis”. Fá-lo, ‘respirando fundo’ e arrastando-nos com ela nesse *espelho de enganos*<sup>1</sup> do seu romance: é esse o último capítulo também. Anjo que reúne com o seu adejar de asas ambas as obras: a ficcionada (alegadamente na Torre do Tombo) e a ficcional (a de Natália Cons-tâncio). E que nos convida a lê-lo pela voz do bibliotecário: “Lede-o!”

A voz desse “Anjo do Senhor” apaga-se com a queda do “insigne escudo d’el-rei D. Afonso, o primeiro de seu nome”, na vocalização conclusiva “*Finis. Laus Deo*”, celebrando a História, o Mito, o Amor, a Vida & a Morte e os seus protagonistas. A da nossa narradora pro-longa a despedida na contemplação das metamorfoses do tempo nas paisagens “e no rosto dos homens, cujos cabelos de ébano, de fogo ou de oiro se convertem em prata”. Suspensa na “sinfonia das horas” em que se projecta...

---

<sup>1</sup> V. *Arte de furta, espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas min-guadas, gazua geral dos Reynos de Portugal*, Offerecida a elRey Nosso Senhor D. João IV. para que a emende. / Composta no anno de 1652. pelo Padre Antonio Vieyra Zeloza da Patria. – Correcta, e emendada de muitos erros; e assim tambem a verà o curioso leytor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ. – Amsterdam[?]: na officina de Martinho Schagen[?], 1744[?]. [<http://purl.pt/21822>].



*E este foi o melhor rei e mais justiceiro e mais honrado que houve em Portugal desde o tempo do rei D. Afonso, o primeiro, até ao seu tempo. E este rei foi o mais direito em justiça temperada com piedade que houve em Espanha. E este foi muito bom cristão e fez muito bem às ordens e acrescentou aos fidalgos nas quantias e terras que dele tinham. E este houve muitos mais vassallos que os outros reis que foram antes dele.*

Pedro Afonso, *Crónica de 1344*



## CAPÍTULO I

### DEAMBULANDO PELA CIDADE ANTIGA

#### Roma

1674

ESTÁ UM DIA QUENTE. D. Alfonso X, o *Sábio* de Leão e Castela, chamava peregrinos aos que iam à Terra Santa, não aos que vinham a Roma. Sou, portanto, romeira, não peregrina. No dia de ontem, percorri os sacrossantos lugares onde repousam os corpos de São Pedro e São Paulo. Neste preciso momento, caminho pelos locais onde se juntam a grandeza do passado e as ruínas que a evocam. O coração ainda pulsante da Roma Imperial. Vejo e sinto a aura que abarca este espaço. Observada de longe, a cidade, aérea, de cor branco-pérola, é tocada pelos raios de sol, numa luminosidade avassaladora, que mostra como tudo é efêmero. Tudo passa... Tudo passa...

Situa-se no fórum homónimo a Coluna de Trajano, uma das mais sublimes erigidas na Antiguidade, projectada pelo arquitecto Apolodoro de Damasco, no ano 113 da nossa era. Quando o silêncio é a voz do tempo, dos edifícios brotam formas e representações, que são as suas palavras. Envaidecida, subindo em espiral, exhibe os feitos do imperador que lhe dá nome, num rendilhado de figuras marmóreas que em gradação se sucedem. Esguia e altiva, destaca-se dos monumentos circundantes, com cerca de quarenta metros. Iluminam-na aberturas minúsculas, que interiormente resguardam a escada em caracol que dá acesso ao ponto mais elevado, de onde se vislumbra um panorama magnífico.

No topo da coluna, num capitel dórico, a estátua de São Pedro observa, vigilante, os passos dos homens e as brincadeiras ingénuas das crianças. Mandou-a ali colocar o Papa Sisto V, na década de oitenta de Quinhentos, para exaltar um dos grandes paladinos do

cristianismo. Nos primórdios, encimava-a uma águia de bronze, o símbolo de Júpiter, depois substituída pela imagem do imperador. As borrascas que desabam dos céus em dias de Inverno e o sol animoso e intenso das tardes veranis vergastaram, impiedosamente, a coluna, esmaecendo-a. Mas foi, outrora, polícroma, e continua a exhibir aos vindouros o êxito de Trajano na campanha contra os Dácios. A sede de vitória e de subjugação dos homens pelos homens é intemporal...

Na parte ocidental do Fórum Romano, no sopé do Monte Capitolino, branquejam, na sua estática frieza, o granito e o mármore do Templo de Saturno, que conserva parte do friso e oito colunas praticamente intactas. No exterior da arquitrave, pode ler-se uma inscrição, datada do século IV: *SENATVS POPVLVSQVE ROMANVS / INCENDIO CONSUMPTVM RESTITVIT* – o senado e o povo romano / restaurado após a destruição pelo fogo. Talvez subsista à passagem dos séculos por ser dedicado a Saturno, o deus do tempo para os latinos, Cronos, para os gregos. Mais adiante, a Igreja de San Lorenzo in Miranda preserva a antiga fachada. Originariamente Templo de Faustina, foi erguido por Antonino, *o Pio*, para albergar o corpo da amada. Por determinação do imperador Marco Aurélio, seu sucessor, foi renomeado, atribuindo-se-lhe o nome do casal. Na parte inferior – a base –, os interstícios das colunas e das paredes laterais são cobertos por pequenos arbustos, que brotam sem qualquer orientação. Por entre as pedras, vicejam florzinhas, cujo aroma suave se mistura com o hálito forte dos cedros. Algumas paredes, beijadas por ervas e por tufos, conferem um ar desmazelado ao espaço. Mas confirmam a passagem do tempo, esse grande escultor que enforma os seres, sulcando-lhes o rosto, e envelhecendo-os.

Indiferente aos humanos e a tudo o que o rodeia, um gatinho castanho-claro, de olhos cor-de-mel, refastela-se ao sol, num pequeno arco, junto aos cedros que nos dias de canícula dão sombra à parte lateral do Anfiteatro Flaviano, o célebre Coliseu de Roma. Construído pelo imperador Vespasiano, é este edifício imponente e robusto. Inaugurou-se para adocicar as almas ignaras e os deuses pagãos, lábeis e ávidos de sangue, a quem se sacrificaram milhares de animais. Também acolheu, para diversão de gente ignóbil, as lutas que massacraram incontáveis gladiadores. Sorte igualmente funesta coube a aves exóticas e a animais de grande porte, oriundos da África e da Ásia, ali trucidados. Com o tempo, os seguidores da Igreja de

Roma desviaram peças de mármore e de bronze do edifício, com as quais adornaram ou construíram igrejas e outros monumentos. Mas a atmosfera de morte e sofrimento que destas pedras emana, essa, jamais se extinguirá.

Nos dias que correm, seja embora outro o espectáculo e outro o cenário, o infame resultado é o mesmo. Não creio que a espera do Messias os torne menores ante Deus, ser onnipotente e bondoso... Mesmo incorrendo no perigo de ser injustamente lançada ao fogo, como dona de ideias pervertidas e insubordinada às regras da Santa Madre Igreja. Resguardados sob a autoridade conferida ao Tribunal do Santo Ofício, mais por cobiça alheia, que por verdadeiras e cristãs razões, raivosos, os delatores perseguem e acusam os hebreus, que suportam cada sevícia, cada humilhação e cada vergastada em heróico silêncio. Assim como uma pestilência fatal corrói os corpos, enviando-os para a sepultura, tal é a impiedade das criaturas que os empurram para as labaredas. Aqueles miseráveis, ou as suas efígies, são queimados em cerimónias públicas, nos chamados autos-de-fé. Apazidos ante o horror que enegrece o olhar dos padecentes e com o uivo dos sinos que arrenegam do cheiro dos corpos calcinados, tais fiéis desconhecem, porventura, o dito “Quem com ferros mata, com ferros morre”. Todos os que, por acções impolutas, vindimam as almas de inocentes, cedo ou tarde verão impender sobre as suas cabeças a espada da agonia. E porque, obnubilados, os seus corações de ferro desprezaram a mensagem de amor que nos trouxe o divino Mestre, nem a misericórdia do Arcanjo Miguel poderá resgatá-los.

Tudo reside, pois, nos afetos que habitam o ser: em Granada e em Toledo, pacificamente conviveram judeus, cristãos e muçulmanos. O pai de D. Dinis de Portugal, D. Afonso III, de cognome *o Bolonhês*, teve dois bastardos de uma moura, filha do último alcaide de Faro, Aloandro Ben Bekar, moçárabe de origem judia. Eram esses irmãos uterinos Martim Afonso Chichorro – que foi rico-homem da corte de D. Dinis – e Urraca Afonso, a quem muito estimava o Rei Trovador. D. Beatriz de Castela, rainha consorte de Portugal, esposa d’el-rei D. Afonso IV, tinha moursas e servas na corte, que agraciou nos testamentos, tornando-as forras ou livres. D. Manuel protegeu, até onde lhe foi possível, a vida e a honra dos judeus.

Prossigo a minha deambulação pela cidade e os meus olhos, extasiados, não param de observar as ruínas. Continuo o périplo, em busca da Igreja de Santo António, e inquiri, algures, pela sua localização. Respondem-me os transeuntes, em linguagem que pouco entendo, mas que me esforço por compreender, que caminhe sempre em frente e que demande pelo *Campo di Marzio*. Que vá por atalhos, até às imediações do rio Tibre. E isto significa, obviamente, que tenho de voltar para trás, de regressar ao lugar onde iniciei o percurso. Mas logo se instala a confusão entre um dos do grupo que me respondeu e um peregrino, que estava sentado numa pedra, no meio da rua. Perguntar por Santo António em Roma, é tarefa que nos pode trazer dissabores. Por certo é que estes o dizem de Pádua, e nós o dizemos de Lisboa. Uma é a terra que acolhe o seu corpo; a outra, a que lhe deu berço, que o seu espírito, esse, é eterno e universal. É assim a natureza humana: se de um malfeitor se tratasse, não havia pátria nem rei que o reclamasse. Tanto melhor.

Vou alheada de tudo, sorrindo ao belo dia que raiou. Numa rua estreita, deparo com uma igreja modesta nas dimensões. Por alguns momentos, detenho-me a observar o edifício: *Chiesa di Sant'Antonio dei Portoghesi*, como a denominam por cá. A fachada, belíssima, ostenta o escudo da Casa de Bragança, aqui colocado há três décadas, em 1640, ladeado por dois querubins, e sobre o qual impende a coroa. A parte mais alta do telhado é encimada por anjos: um, toca trombeta, convidando à oração, o outro, fixa os viandantes. O espaço que antecede a entrada e a rua mostram-se repletos de devotos que, estranhamente, não param de se aglomerar. Fico perplexa. O auditório agiganta-se e parece tanto maior quanto mais reduzido é o espaço. Dou por mim a tentar perceber como caberemos num templo tão diminuto.

Sussurra-se que o êxito do pregador é inquestionável. Consta que as grandes famílias de Roma, os homens doutos e as figuras mais proeminentes da Igreja Católica acorrem frequentemente aos sermões. Diz-se – e não me parece exagerado, a julgar pelo público que vejo – que terão assistido ao *Sermão do Santíssimo Sacramento* dezanove cardeais e que vinte e dois presenciaram a disputa oratória entre aquele pregador e o padre Jerónimo Cataneo sobre *As lágrimas de Heraclito e o riso de Demócrito*, num desafio que a rainha D. Cristina da Suécia lhes havia proposto. Subitamente, ofegando, aparece um

mensageiro, que a todos manda afastar. Que se encontra febril a rainha D. Cristina. Tencionava assistir ao sermão, mas não lho permitira o físico. Principiasse o digníssimo jesuíta a eucaristia, quando lhe aprouvesse. Entra, finalmente, o cortejo, destacando-se os embaixadores do reino de Portugal e os fidalgos das mais nobres casas residentes na cidade.

Cá dentro, o espaço é mais amplo do que imaginei. As três naves são demarcadas por duas filas de colunas. Os bancos, de madeira, distribuem-se por duas alas: uma à direita, a outra, à esquerda. Das paredes refulgem mármorem diversificados, multicolores, que compõem os arcos e os sustentam, exibindo pequenos querubins brancos que adornam os altares. Segundo atestam vozes a meu lado, a igreja foi restaurada no final da década de vinte deste século de Seiscentos. E há bem pouco tempo deu-se início a obras de ampliação e remodelação, com a construção do transepto e da cúpula. Esta igreja não possui púlpito, por isso, os sermões são pregados num estrado colocado especialmente para esse efeito, o mais próximo possível dos fiéis.

Os meus olhos pousam atentamente nas coisas. Quem entra no corredor principal depara-se, ao fundo, no altar-mor, com um magnífico óleo de Santo António, pintado por Marcello Venusti, encimando um outro, igualmente belo, da monja clarissa Chiara di Burano. Mais abaixo, num nicho discreto, uma figurinha de madeira do mesmo santo, amparando com o braço direito o Menino, sentado sobre a Bíblia, e segurando, com a mão esquerda, uma haste de açucena. É a imagem ladeada por uma candeia de prata com incrustações de pedras coloridas, que a ilumina, e por uma jarra de flores brancas, lírios, contrastantes com a indumentária castanha do frade.

Como formigas apinhadas, cardeais, bispos, deões, frades, freiras e nobres fidalgos enchem o templo. Sento-me, coagida por estes fiéis nervosos e sôfregos, principalmente os do clero. Do lugar onde me encontro, consigo perceber que, antes de assistirem à missa, os frades penduram os barretes numa tábua com pregos. Mesmo tendo lugares destinados, quase se atropelam uns aos outros. Fosse a cerimónia eucarística para mim desconhecida e haveria eu de julgar que cada um se sentava onde queria, tal é a avidez desta gente para se sentar e ouvir a prelecção. Estupefacta com a circunstância, fico-me pelo corredor principal, na sexta fila, num pequeno espaço deixado na lateral direita de um banco. Circunvago o olhar pelo recinto. Todos

os lugares estão ocupados e fervilham todas as capelas situadas na área das naves laterais, repletas de gente irrequieta nos movimentos e nos olhares. Esta tarde não haverá coro, tal como sucedeu nas semanas precedentes, por alguns dos seus elementos se encontrarem a realizar ensaios para a comemoração das festas do Corpo de Cristo.

Enquanto esperamos, as minhas companheiras de assento dialogam sobre a criação do hospício para acolher peregrinos lusos, especialmente mulheres. Instituiu-o, há uns séculos, D. Guiomar, uma dama portuguesa. Mesmo involuntariamente, fico a par da história do albergue e da criação desta igreja, porque as compatriotas que me rodeiam não cessam de falar. Dizem ser característico dos povos latinos, mas isto é deveras incómodo. Estamos num lugar sagrado e ninguém se cala. O turbilhão de vozes confunde-se numa algaravia imparável. Uma freira anciã, envergando o escuro hábito das clarissas, mostra impaciência nos gestos e no olhar. Uma noviça, cujo rosto acusa aborrecimento, troca de lugar com ela, contra a sua vontade. Que estava melhor ao pé de mim, declara a freirinha. Senta-se e, ao ver o meu espanto, confia-me:

– Muito se conversa e pouco se faz, nesta terra loquaz. É o que sempre digo a estas raparigas. O silêncio é de ouro, e também o é o tino.

Quero dar uma risada, mas esboço um sorriso, moderado, que estamos numa igreja, e eu ao lado de uma esposa de Cristo. E também me incutiram as amas e preceptoras que muito riso equivale a pouco riso. Eis uma questão que sempre me intrigou. Por mais que me esforce, não alcanço tal juízo. Ria São Francisco. Santo António, embora mais sério e sisudo, também. E sorria, alegremente, Santa Clara de Assis.

A velhinha é amorosa. Seduzida, qual Eurídice encantada com a voz de Orpheu, deixo-me ficar a ouvi-la. Se estou disposta a conhecer a história desta igreja, ela própria ma contará, que fala português. Que me reconheceu pelas imagens do grande pingente dourado que sobressai do meu colar: de um lado, o retrato de D. Dinis, segurando a espada com a mão direita; do outro, a rainha D. Isabel de Aragão. A dividir a imagem, um delineado de pétalas de rosa com a inscrição: *DIONISIVS I. PORT. REX ET ELISABETHA REGINA. 1290*. E quem me deu este medalhão? – inquire a freira anciã. Prontamente a esclareço: ofertou-mo minha avó paterna, que o recebeu de sua avó, que o

herdou de sua bisavó, que lho legara uma tia, descendente de um bastardo de um insigne rei, cuja filiação se mantivera em segredo...

E como estou aqui... sozinha? Justifico-me, atónita e com um discurso despropositado, que fui em peregrinação à Terra Santa, com um grupo de religiosas e de donas que comigo embarcaram em Veneza. E que me acompanhou um de meus irmãos, que renunciou à vida mundana, pois que, ao contemplar os lugares onde vivera Abraão e os profetas do Antigo Testamento, se converteu a padre ortodoxo. Que estou de regresso a casa, respondo. Sinto-me estranhamente apreensiva. Tomar-me-á a religiosa por uma dona sem decoro e sem nobreza? Insisto: deambulei sozinha pela cidade até esta igreja, porque queria absorver o espírito do lugar. No final da cerimónia, à saída da igreja, estará uma das criadas da irmã de meu pai, que vive em Roma, acompanhada por um jovem cavaleiro que me escoltará. Fantasio, claramente.

Sorrindo, a freira levanta a mão, com o ar mais doce deste mundo e do outro, como sói dizer o povo, e interrompe-me. Tudo o que expresso é maravilhoso, mas, como devo compreender, basta. Apressa-se, então, assim o julgo, a resumir a história do hospício ou abrigo, contíguo à igreja. Que a bula *Superne Dispositionis*, promulgada no século XV, confirmara o nascimento do hospital, para serem recebidos e auxiliados os pobres que ali se deslocavam. Que, anos depois, o cardeal D. Jorge da Costa, varão de grande notoriedade, tomara em suas mãos o governo daquele lugar. E que, através do breve *Sicut Accepimus*, fora normalizado o seu funcionamento, mas que não veria o cardeal cumprido o seu projecto, porque levaria Deus a sua alma antes de o realizar. Que, alguns meses após, com a expedição da bula *Salutes Fidelium*, o Papa Júlio II conferia ao abrigo o estatuto de confraria – a Confraria de Santo Antão. Gesticula muito: Saiba eu que ficara o hospício em pé de igualdade com os demais hospitais da cidade de Roma. E que...

Esboço um trejeito para a interpelar, mas não me deixa. Que, com a União Ibérica e com a subida ao trono de Filipe I, o duque de Sessa rogara ao Papa Clemente VIII que visitasse aquele espaço, com o intuito de vir a reformar os estatutos promulgados, e que tal tarefa viria a recair sobre o cardeal Gesualdo. E que as mulheres portuguesas já não são ali recebidas. E que está tudo muito bem esclarecido em vários documentos da Igreja. E que... Vai nesta arenga quando,

de repente, me coloca a mão, ao de leve, nos lábios, para que me cale. Sorrio. Praticamente não articulei uma palavra, mas a freira, muito entusiasmada, ainda tem tempo para me questionar:

– Sabeis que dia é hoje, senhora?

– Sei. É o dia 4 de...

Não me deixa terminar.

– É o dia 4 de Julho. O do aniversário da morte da padroeira do reino. Assim o anotaram, nos livros de óbitos, os necrólogos.

– Padroeira do reino? – interrogo-a, surpreendida com a observação.

– Sim. El-rei D. Filipe III de Espanha, II de Portugal, declarou-a padroeira...

– Não é Padroeira do reino Nossa Senhora da Conceição?

– Padroeira... Protectora... Sim, entregou el-rei D. João IV a coroa a Nossa Senhora, a rainha de Portugal. Mas não estamos a falar de Nossa Senhora, criatura surpreendente! Estamos a falar de outra rainha...

O meu semblante, grave, e o meu ar de pasmo não ocultam a estranheza que aquela conversa me provoca. Insiste a religiosa:

– Ora, ora! De quem falamos? Da Rainha Santa. D. Isabel de Aragão... – e, apontando para o altar-mor, diz ainda – Aquele painel de Chiara di Burano, sob o de Santo António, que ilustra o fundo do altar, representa o milagre das rosas... No próximo ano, no dia 25 de Maio, celebrar-se-ão, nesta igreja, os 25 anos da canonização da Rainha Santa por Urbano VIII, se o guardar Deus... Pois não sabeis que, no ano de 1612, foi Francisco Suárez nomeado procurador e que instaurou o processo que a originou? E, nesse mesmo ano, abriram o túmulo da rainha, no dia 26 de Março. Sabeis, senhora, quem lhe ofertou as relíquias que consigo repousavam?

A estupefacção impede-me de responder. Sinto o rosto inflamado, como em tição ardente, e os lábios enrijecidos. Faço sinal com a cabeça, numa negativa muda. A religiosa prossegue, indiferente ao meu incómodo:

– Retirada a pedra, logo surgiram os presentes com que a honrara o arcebispo de Santiago de Galiza, ou de Compostela, que é o mesmo. Naquela altura, era uso ir-se a Compostela pela salvação da alma dos defuntos, durante o primeiro ano da sua morte, para que definitivamente entrassem no outro mundo que os acolheu. Assim procedeu a

rainha que, em Julho de 1325, rezou sobre o túmulo do apóstolo, recomendando a alma d'el-rei aos Céus. Ora, ora... Onde ia eu? Que distraída sou...

Pasmo. A memória da freirinha tem a limpidez das tardes amenas e o seu discurso, eivado de minuciosidades, espanta-me. Como é possível conhecer tantos pormenores acerca da vida de outrem, para mais tendo vivido 338 anos antes? A verdade é que, quem muito dorme, pouco aprende, mas esta velhinha aprendeu mais do que dormiu. Os testemunhos antigos consignaram, realmente, essa viagem. Conta-me que foi D. Isabel a Santiago de Galiza e que consigo levou o pequeno infante D. Pedro, filho de seu filho, então com cinco anos. Para obsequiar o apóstolo São Tiago Maior, ofertou-lhe algumas das mais belas e mais ricas peças do seu tesouro e do seu guarda-roupa: a mais valiosa das coroas que então possuía, marchetada de pedras preciosas; baixelas de prata muito bem lavradas; tecidos com águias, herança de sua mãe; tecidos bordados a aljôfar; panos debruados a ouro, com os brasões de Portugal e de Aragão; uma mula que tinha arreios executados em prata; uma sela de ouro; prata e pedras preciosas sem conta. Reconhecido, obsequiou-a o arcebispo com uma esmoleira e um bordão de peregrino de jaspe e prata em forma de tau, a simbólica cruz dos franciscanos. Com punho em jaspe, rematado por duas cabeças de leão, cinzeladas em prata, exhibe conchas em prata dourada, gravadas na haste, também de prata. Quero interrogar a freirinha sobre esta matéria, que me é cara. Debalde. Não me dá sequer espaço para a interpelar.

– Depois de se desprender a tábua superior do ataúde, cortaram-se à tesoura os envoltórios que guardavam a Rainha Santa. Mantinha o hábito de estamenha das monjas de Santa Clara e um pano de linho branco envolvia-lhe os cabelos, perfeitamente seguros na pele. Mostrava-se serena, bela, incorruptível. E exalava o perfume das rosas que segurava nas mãos, cujas pétalas, desprendidas, se lhe haviam espalhado pelo corpo. Não compreendo o assombro dos crentes, ante o prodígio. Com a vida que levou, porque santa maior, era expectável... Adiante, que para a frente é que é caminho, por mais sinuoso que seja.

O Padre António Vieira encontra-se em Roma vai para seis anos e, embora seja fluente a discorrer na língua romance da cidade, não lhe apraz fazê-lo. Prefere arengar em latim ou em português –

confidencia-me a velhinha, mudando o rumo à prosa. E acrescenta que o trouxe a Roma o processo de canonização de quarenta missionários jesuítas, desaparecidos no mar das Canárias, há mais de um século. Mas não parecem ter angustiado a gente da Igreja tais mortes, que sempre se adiou o cerimonial – acrescenta, não sem escárnio. Saiba eu que, em Roma, o clima é tórrido no Verão, e frio e húmido no Inverno, o que debilita o padre as mais das vezes. Prefere António Vieira os ares de Lisboa, muito embora seja malvisto na metrópole, pelos sermões que prega, que muito incomodam a corte lusitana e a Igreja. A Inquisição não o perde de vista. A velhinha esclarece: que Deus lhe perdoe, que está na Sua santa casa. Saiba eu que este padre defende abertamente os judeus. Desaprova, publicamente, o cortejo e a exposição dos condenados pelos seus congéneres, tidos por arautos da voz do Senhor. E adrede os coteja ao benévolo rei D. Manuel, em cujo reinado os judeus passaram a ter igual acesso a cargos e honras, contrariando a lei de Toledo. Esquivou-se el-rei até onde pôde, incumprindo-a...

Este padre – segundo a freirinha – grita aos sete ventos, ou aos oito, que sopram no mundo e nos seus arredores, como é possível que, em pleno século XVII, um século de alargamento do mundo, exija a Madre Igreja a chamada limpeza de sangue. Desgostoso, e mais revoltado, expressa que tudo é muito claro, em Portugal: limpeza é a palavra de ordem. Limpeza de sangue aos cristãos-novos, descendentes de condenados. Limpeza nas ordens militares. Limpeza nas universidades, impedindo-os de leccionar, ou de as frequentar, como alunos. Limpeza na herança de morgadios. Limpeza nos casamentos com cristãos-velhos. E, quem os proteger, incorrerá em crime. Bem-vistas as coisas, não era preciso exagerar-se – acrescenta –, que as pobres criaturas, segundo ouve no próprio convento, são vítimas de práticas e de crimes que nem cometeram. E benze-se, repetidas vezes.

Continua a arengar, a boa esposa de Cristo. Fique eu sabendo que, nas primeiras constituições da Companhia de Jesus, se determinava que não fossem admitidos cristãos-novos na congregação. Vejo eu aquele frade, além, sentado na terceira fila do corredor, no lado direito, na ponta do banco? Que olhe, discretamente. Aquele?... Não, o outro, o madrileno que traça o hábito franciscano. O que está sentado mesmo na extremidade... Esse... Ouvira-o dissertar, num dos sermões que ali

realizara, que, nas cortes de Filipe IV, reclamaram os judeus a el-rei que fossem igualmente habilitados para os cargos que se atribuía aos cristãos. A freira fala agora mais apressadamente:

– O monarca respondeu por carta régia, datada de... Não me lembro, mas era um mês quente, era eu moça. Sei que anuii ao pedido, reconhecendo a idoneidade desses cristãos-novos... Mas, nos tempos que correm...

Cala-se, inopinadamente, arregalando os olhos e unindo as mãos, como sustendo a respiração. Numa espécie de cortejo, encaminham-se para junto do altar principal os seis frades que vêm da sacristia. Distingue-se-lhes a tonsura clerical, muito apumada, e os hábitos, sóbrios. Atrás deles, acolitado por quatro noviços, desponta, por entre as vestes jesuíticas, um sacerdote devidamente paramentado. Esboçando um sorriso, com ar de grande autoridade, deixa muitos crentes eufóricos e outros boquiabertos. É, nem mais nem menos, que o Padre António Vieira, da Sagrada Religião da Companhia de Jesus, digníssimo pregador de Sua Alteza. A freirinha mostra-se em grande alvoroço. Abanando a cabeça, declara que o padre é um orador nato. Que a sua linguagem se ajusta aos preceitos bíblicos, que ele conhece como ninguém: os Evangelhos fluem-lhe no pensamento como lhe brotam as palavras mais simples.

Detenho-me a olhar para a figura do sábio mestiço, cuja fama o precede. Entre o odor seco dos círios, dos perfumes enjoativos das senhoras fidalgas, muito bem ataviadas de sedas e brocados, cujas jóias, rebrilhando nos colos, competem com as gotas de suor que de muitos rostos varonis emana, e da fragrância enjoativa provinda dos incensos, o padre dá início à cerimónia religiosa... em língua portuguesa! E, antes de ler as Sagradas Escrituras, vira-se para trás, apontando, com um gesto elegante, para a figura da rainha que se encontra no altar-mor:

– Atentai, irmãos, na imagem daquela que tem o regaço coberto por rosas. Trata-se de uma rainha.